

GESTÃO DA SALA DE AULA

Rosilda Maria Alves (European University)

GT 01- Prática Docente e Profissionalização de Professores

1 INTRODUÇÃO

Este artigo faz destaque para o ambiente de sala de aula na contemporaneidade, que é um lugar aonde as pessoas vão para fazer descobertas, para que isto aconteça é necessário uma mudança no sistema educacional, que os papéis dos professores/ alunos sejam revistos, permitindo a elevação do trabalho dos envolvidos contribuindo para a melhoria da afetividade no processo ensino-aprendizagem, possibilitando a obtenção de informações apropriadas para um novo modo de atuar/relacionar-se no mundo contemporâneo. Mas para isso, um grande desafio é lançado: modificar a relação, professor/ aluno. Eles devem estabelecer uma relação de confiança mútua, a qual permita se auto-avaliar, para que assim, com esse vínculo possa haver confiança entre os dois no processo ensino /aprendizagem. O propósito deste trabalho é a quebra de paradigmas enraizados no cotidiano escolar com relação ao tipo de relacionamento que deve haver entre professor/aluno, buscando novos caminhos a percorrer na busca da melhoria das relações. Este trabalho consiste em levantar a questão da dialeticidade entre professores e alunos.

2 EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

A contemporaneidade é a época das massas, da manifestação delas como protagonistas da história, trazendo também suas próprias conotações de rebeldia, de superficialidade, de hedonismo, de espírito antiaristocrático, e encerrando uma profunda tensão entre massas e elite que se pode reconhecer como uma das grandes infra-estruturas da história contemporânea.

A contemporaneidade é também a época da educação e de uma educação social que dá substância ao político (enquanto a política é governo dos e sobre os cidadãos), mas que também se reelabora segundo um novo modelo teórico, que integra ciência e filosofia, experimentação e reflexão crítica, num jogo complexo e sutil.

Na pedagogia contemporânea, colocou-se como central a função política da pedagogia e a sua posição dentro do “nicho” da sociedade, em relação à qual ela age como síntese orgânica de perspectivas de valores, ou ainda como centro de rearticulação na própria sociedade, submetendo-a inclusive às revisões que tal processo de transmissão cultural sempre comporta.

O duplo processo de ideologização sofrido pela pedagogia teve como efeito também colocar no centro da reflexão sobre a educação a relação complexa, também ambígua e tensional, dismórfica e dialética, entre educação e sociedade, entre pedagogia e sociedade, entre escola e sociedade, que atravessou de maneira central, como aspecto tipificante, toda a teorização pedagógica dos últimos dois séculos, afirmando-se em particular com o marxismo, com o instrumentalismo pragmático deweyano e as reflexões sociológicas sobre a educação e o saber (de Durkheim a Weber e Luhmann).

A contemporaneidade, sempre do ponto de vista social e em relação às características “de estrutura” que a atravessam, foi também uma fase marcada pelo crescimento (ou melhor, pela afirmação, pelo desenvolvimento, pela centralidade cada vez maior) de novos sujeitos da educação que, gradativamente, invadiram o campo da teoria, onde introduziram radicais mudanças.

A pedagogia tornou-se – depois de Rousseau – puericêntrica e viu no menino, como disse Montessori, “o pai do homem”. Isso produziu uma teorização pedagógica cada vez mais atenta para o valor da infância, para a função antropológica que esta veio a exercer (de

renovação do homem, reconduzindo-o para formas mais espontâneas, mais livres, mais originárias), para o papel dialético que ela deve exercer na sociedade do futuro (que deve libertar e não comprimir a infância); teorização que abarcou a psicanálise e o ativismo pedagógico nas suas várias formas; mas que atingiu também a literatura, o cinema, a publicidade (pense-se em Pascoli, Morante, e também nos filmes de Cimencini).

Em tempos bem mais recentes – com o colonialismo e, depois, sobretudo com a descolonização –, colocou-se também o problema do diálogo educativo entre etnias diferentes, entre culturas heterogêneas, entre mentalidades assimétricas. Iniciou-se assim uma fermentação bastante radical em pedagogia, solicitando uma reflexão comparada dos modelos educativos e o fim de sua – “priori” rígida – hierarquização, para assumir, pelo contrário, critérios e objetivos de multiculturalismo, de diálogo reciprocamente hermenêutico entre as culturas e as mentalidades.

A emergência destes novos sujeitos fez toda a problemática educativo-pedagógica redistribuir-se, requalificar-se segundo perspectivas novas e renovar-se profundamente. O despertar das marginalidades exige uma ampliação da educação e uma reconstrução da teoria, implica a abertura de uma nova fronteira e a identificação de novos itinerários e horizontes da educação e da formação, delineia um novo desenho – mais variado, menos homogêneo, mais conflituoso – da pedagogia, que é totalmente novo, totalmente inédito historicamente.

Nesta visão prospectiva, uma resposta puramente quantitativa à necessidade insaciável de educação – uma bagagem escolar cada vez mais pesada – já não é possível nem mesmo adequada. Não basta, de fato, que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente.

Assim, uma nova concepção ampliada de educação devia fazer com que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – revelar o tesouro escondido em cada ser humano. Isto supõe que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação, considerada como a via obrigatória para obter certos resultados (saber-fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem econômica), e se passe a considerá-la em toda a sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser.

Sem dúvida, esta aprendizagem representa, hoje em dia, um dos maiores desafios da educação. O mundo atual é, muitas vezes, um mundo de violência que se opõe à esperança posta por alguns no progresso da humanidade. A história humana sempre foi conflituosa, mas há elementos novos que acentuam o perigo e, especialmente, o extraordinário potencial de autodestruição criado pela humanidade no decorrer do século XX.

Que fazer para melhorar a situação? A experiência prova que, para reduzir o risco, um dos itens a melhorar é gerenciar adequadamente a sala de aula. Passando à descoberta do outro, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, e por dar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo, a educação, seja ela dada pela família, pela comunidade ou pela escola, deve antes de tudo enfatizar as relações entre professor e alunos, levando-os a descobrir-se a si mesmos.

Por fim, os métodos de ensino não devem ir contra este reconhecimento do outro. Os professores que, por dogmatismo, matam a curiosidade ou o espírito crítico dos seus alunos, em vez de os desenvolver, podem ser mais prejudiciais do que úteis.

Assim, a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

3 RELAÇÕES EM SALA DE AULA: UMA BREVE INCURSÃO

A trajetória das relações interpessoais, conforme sua emergente bibliografia, foi quase permeada pelo autoritarismo, do qual, aliás, sentimos ainda alguns ranços, especialmente no relacionamento professor/aluno. Onde, uma espécie de intranquilidade de um em relação ao outro – muito mais deste em relação àquele – acaba por comprometer um melhor rendimento no trabalho de ambos.

Isto, no entanto, se por um lado tem inibido a realização de um trabalho escolar de uma forma mais consistente e integrada, não tem, por outro lado, impedido – embora de forma gradual e ainda não muito consistente – um certo amadurecimento desta relação em direção a uma relação pautada em parâmetros dialógicos, de interação professor/aluno, o que tem permitido certos avanços qualitativos na postura de ambos em relação ao processo educacional como um todo.

Fundamentalmente, o que hoje se busca em sala de aula é o desenvolvimento de uma ação que se faça ponto de referência na escola, não somente para o professor e aluno, mas para todas as pessoas que a compõem.

O desenvolvimento desta ação, ponto de referência, engloba uma prática fundada em três competências:

- Político-social – que se resume na capacidade do professor ver como um todo e interdependentes: a escola, a sociedade e o próprio sistema educacional;
- Humana – resumida na capacidade do professor incentivar o desenvolvimento pessoal e profissional de todos os envolvidos no processo educativo;
- Técnica – que exige do professor uma compreensão acerca de métodos, processos, procedimentos e técnicas de organização e desenvolvimento do trabalho escolar.

Em função talvez do próprio momento político vivido pelos professores à época de sua formação, pautava-se por privilegiar os componentes técnicos-operacionais, preterindo-se, portanto, os componentes da tríade político-social-econômico que sem dúvida permeiam as relações na escola e na própria sociedade como um todo.

No momento atual, os conteúdos que procuram subsidiar a formação do professor passam por muitas discussões, pois busca-se uma postura de criticidade em relação à realidade na qual este professor exercerá sua prática. Portanto, a tônica atual busca firmar um compromisso com um ideal de homem e sociedade marcados pela liberdade e democracia. E para isso, a formação de qualquer profissional deve estar pautada naquelas três competências: a política, a humana e a técnica.

Pode-se ainda acrescentar, o quanto é importante para o professor dominar os conhecimentos teórico-práticos pertinentes à sua função, bem como exercer uma certa liderança que deve ser conquistada através de uma confiança recíproca entre professor/aluno. Neste ponto, muitos professores concordam que deve haver uma troca de experiência em sala de aula.

4 PROFESSOR, ALUNO E A SALA DE AULA

As pessoas que freqüentam a sala de aula devem fazer dela um lugar agradável, onde se tenha a liberdade de todos darem a sua opinião, debater sobre assuntos da atualidade, construir uma visão crítica e por que não, achar soluções para os problemas da nossa sociedade?

Diante de tudo isto as maiores dificuldades que os professores encontram na sala de aula, principalmente no início da sua carreira profissional, é a sua falta de experiência quando entram pela primeira vez numa sala de aula, o que é agravado ambiente, tal como com a falta de acompanhamento por parte dos pais, na resolução das tarefas de casa, tomada da leitura ou qualquer ajuda que o aluno necessitar. Além disto, há escolas que não dispõem de material

didático e pedagógico, o que dificulta ou até mesmo torna penoso o trabalho desses professores.

Dada a importância dos contextos no desenvolvimento do indivíduo, poucos acontecimentos podem ocorrer na sala de aula sem uma relação direta com os contextos de aprendizagem. A vida nas salas de aulas tem características de multidimensionalidade, simultaneidade, imediatividade, imprevisibilidade, publicidade e historicidade, fazendo com que toda a ação na sala de aula se apresente como um processo sistêmico de comunicação. Partindo do princípio de que o que é verdadeiramente importante para o desenvolvimento do indivíduo é o se percebe e é vivido, a perspectiva ecológica enfatiza toda a contextualização em que o micro-sistema do aluno se desenvolve no seu meso-sistema da sala de aula.

5 GESTÃO DA SALA DE AULA

Com efeito, é na sala de aula que se desenvolve a maior parte do processo. A investigação tradicional sobre o ensino não se preocupava tanto com a gestão e organização da sala de aula, mas essencialmente com os seus aspectos particulares, focando-se mais no indivíduo do que na ação dos professores na sala de aula. Era o reflexo de um paradigma intelectual, mais preocupado com aspectos singulares do que com a dimensão social, com a globalidade. Atualmente, a investigação sobre gestão e organização de sala de aula debruça-se não só sobre o modo como a ordem é estabelecida e mantida, como também sobre os processos que contribuem para o seu estabelecimento, tais como a planificação e organização das aulas, o uso e distribuição de recursos, o estabelecimento e explicitação das regras, a reação ao comportamento individual e de grupo, o enquadramento em que esta é atingida.

Com efeito, é na sala de aula que se desenvolve a maior parte do processo ensino-aprendizagem, processo este que apresenta duas tarefas estruturais: aprendizagem e ordem. A aprendizagem, de natureza individual, concretiza-se através da instrução, tendo por referência um currículo que os alunos devem dominar, persistindo nos seus esforços para aprender. De acordo com Doyle, “a ordem realiza-se pela função de gestão, isto é, pela organização de grupos na sala, estabelecimento de regras e procedimentos, reagindo ao mau comportamento, monitorizando e ritmando os acontecimentos da sala de aula (Doyle, 1980 citado por Doyle, 1986:395).

No entanto, estas duas tarefas estruturais do ensino, na prática, não se podem separar. No seu quotidiano, os professores, lidam com elas em simultâneo, instruindo e gerindo os alunos. Assim, uma boa gestão e organização da sala de aula são uma condição para que a aprendizagem possa ocorrer, dado que o envolvimento dos alunos no trabalho está relacionado com a forma como os professores gerem as estruturas da sala de aula, mais do que com a forma como lidam com comportamentos individuais (Doyle, 1986).

De acordo com a perspectiva de que o comportamento dos alunos é, em grande medida, uma resposta aos níveis estruturais e exigências do ambiente, nas salas de aula, às atividades e tarefas que têm de realizar, torna-se necessário compreender como todos estes fatores se interligam.

Uma das interpretações é dada pela perspectiva ecológica, para a qual a sala de aula é um cenário comportamental, isto é, uma unidade eco-comportamental composta por segmentos que rodeiam e regulam o comportamento. Tal concepção implica que o fluxo das atividades contenha uma duração temporal (limites temporais de duração), um formato físico (materiais disponíveis e arranjo dos participantes no espaço), um programa de ação para os participantes, e um conteúdo focal (tema ou preocupação central do segmento). Deste modo, os segmentos organizam-se em torno das atividades reconhecendo-se que estas são a unidade básica da organização da sala de aula, pese o fato de outros segmentos nela acontecerem, como refere Doyle (1986), quando menciona a existência de quatro níveis estruturais: a sessão da classe (unidade de tempo definida pelo sinal de entrada e saída da sala de aula, para o intervalo, almoço ou casa); a lição (conjunto de atividades reunido por um conteúdo focal

comum); a atividade (padrão distintivo de organização dos alunos para trabalharem numa unidade de tempo dentro da lição); e a rotina (programa de ação suplementar que gere os assuntos de manutenção da sala de aula).

Os referidos níveis estruturais podem assumir formas diversas, sendo as mais referenciadas a recitação (resposta dos alunos à pergunta do professor, que se relaciona com uma forma específica de organização de falar, facultada pelo levantar do braço); o trabalho no lugar (pode ser trabalho supervisionado e/ou trabalho independente), que favorece a autonomia dos alunos, podendo, no entanto, levantar problemas de gestão e organização da sala de aula se o professor não for suficientemente atento, ou não fizer o “scanning” da aula; o trabalho em pequenos grupos; as transições (nas mudanças de contexto). O professor será considerado bom gestor quando marca com clareza o seu início e é capaz de as implementar ativamente de forma suave, sem provocar grandes rupturas, possibilitando que a ordem se estabeleça com brevidade. Podemos distinguir as transições menores quando fala um aluno e depois outro; das maiores que são as que ocorrem entre atividades ou fases de uma lição. Há ainda a considerar as interrupções, que são acontecimentos extralínguas, as quais podem provir de dentro, interrupções internas, ou de fora, interrupções externas.

Uma vez a ordem instaurada na sala de aula, os alunos seguem, dentro de limites aceitáveis, o programa de ação previsto e necessário para que determinado acontecimento ocorra. Deste modo, a ordem difere consoante os diferentes tipos de atividades, evidenciando-se em contextos específicos, que o professor desenvolve. Portanto, a ordem na sala de aula exprime a função de gestão do ensino e, segundo este ponto de vista, materializa-se no contexto em que está a ocorrer, sendo fruto das interações decorrentes dos participantes e dos arranjos elaborados para os fins previstos, pelo que pode ser, em última instância, considerada de natureza eminentemente social.

A ordem apresenta-se, entretanto, como uma das condições para a cooperação dos alunos, sendo esta o requisito mínimo para o bom funcionamento das atividades. Construto social, a cooperação reflete a necessidade de as atividades na sala de aula serem construídas pelos participantes, que assumem assim uma atitude de envolvimento ativo no programa de ação. Tal envolvimento pode não existir sem que, por tal motivo, seja posta a ordem em causa. Na verdade, o envolvimento passivo pode não gerar a desordem, mas não compromete cooperativamente os alunos, que só quando majoritariamente envolvidos criam condições de sucesso da atividade.

O envolvimento dos alunos nas tarefas académicas e a ordem na sala de aula podem também ser influenciados pela natureza das matérias. De fato, vários autores chamam a atenção para a importância da compreensão e gosto da matéria pelos alunos, como fator da diminuição do risco de desordem na sala de aula. O nível de exigência do trabalho académico pode ser também fator contributivo para o aumento dos comportamentos disruptivos. Efetivamente, quando o trabalho académico envolve um nível superior de processos cognitivos, como a compreensão, raciocínio e formulação de problemas, gera ambigüidades e riscos para os alunos. Como reação a tal situação, os alunos tendem a aumentar a clareza das especificações por parte do professor, contribuindo assim para uma diminuição do fluxo da instrução, reduzindo o envolvimento no trabalho e contribuindo para a indisciplina na classe. Pelo contrário, tarefas simples envolvendo operações mentais menos complexas e mais aglutinadoras, provocam maior adesão à aula e menos resistência ao trabalho académico. Nem sempre é fácil criar atividades de aprendizagem que interessem, simultaneamente, os alunos mais capazes e os menos capazes. (Arends, 1995:122).

Este interesse dos alunos na atividade pode também ser influenciado pelo contexto da sala de aula que com as suas propriedades específicas, acaba por influenciar os participantes. Entre estas características, podemos realçar, segundo Doyle (1977, 1980, 1986)

a multidimensionalidade, a simultaneidade, a imediatividade, a imprevisibilidade, a publicidade e a historicidade, já anteriormente referidas.

A multidimensionalidade refere-se à grande quantidade de acontecimentos e tarefas na sala de aula que, devido ao número dos alunos, implicam uma programação, planificação e orquestração adequadas.

Por seu lado, a simultaneidade reflete o grande número de acontecimentos que acontecem ao mesmo tempo na sala e aos quais o professor tem de prestar a devida atenção. Enquanto dá apoio individualizado a um aluno, o professor não pode perder de vista os restantes, não deixando criar interrupções.

A imediatividade expressa a rapidez com que fluem os acontecimentos, o que nem sempre facilita a reflexão do professor sobre os mesmos.

Quanto à imprevisibilidade, refere-se ao rumo inesperado que muitas vezes tomam os acontecimentos e as interações.

A publicidade tem a ver com o fato de as salas de aula serem lugares públicos, onde as regras e valores são julgados por todos. A não atuação por parte do professor face a um comportamento disruptivo pode levar os alunos à reincidência ou desenvolvimento do mesmo.

No que se refere à historicidade, ela reflete as vivências comuns que a classe adquire pelo fato de viver conjuntamente durante toda a semana.

E para gerenciar a sala de aula é preciso um professor atualizado e concatenado com seu tempo e que veja em cada aluno um ser humano de muitas potencialidades.

6 O PROFESSOR E A GESTÃO EM SALA DE AULA

O professor, ao longo dos anos, vem lutando para garantir seu espaço no processo educacional, diante de tantas novas tecnologias surgidas.

E um dos grandes desafios do professor para melhor gerir sua sala de aula é superar o ativismo desenfreado, que impede que professor e aluno reflitam sobre suas ações, e o verbalismo vazio e inócuo que não tem finalidade.

Outro fato é a necessidade de ter que gerenciar diversas turmas em várias escolas a fim de cobrir suas despesas e da sua família.

Então, compete ao professor não se acomodar diante dos problemas surgidos. Deve procurar formas de superar seus problemas para que crie condições de rever sua atuação como profissional da educação e, principalmente, buscar formas de melhorar a situação.

O professor, no momento atual, deve ser alguém que não se considere acabado e pronto, mas sim alguém que busca permanentemente redescobrir novas formas de melhor gerenciar sua sala de aula.

Dessa forma, o papel do professor passa por um repensar. Estão tentando superar o papel tradicionalista de uma educação voltada para o individualismo, em que a idéia do processo funcionar por ação de uma única pessoa, enquanto as demais eram desconsideradas. E esta mudança vem ocorrendo devido à necessidade que se tem de buscar um modelo de gestão da sala de aula mais humano, participativo, viável e possível de ser executado por contar com a participação de um grupo. E este novo modelo preocupa-se em fazer a integração de todos, que reconhece a importância do professor e do aluno e acredita que se pode trabalhar lado a lado para superar as dificuldades e partilhar as ações para uma melhor integração.

Agora, para se conseguir executar uma gestão da sala de aula, eficiente e eficaz, é preciso que se crie um clima de relações entre professor e alunos capaz de favorecer as atividades de orientação, integração e assistência às atividades escolares.

O papel do professor é de grande importância no contexto da sala de aula, pois cabe a este profissional assessorar os alunos em diversos campos, principalmente, no campo psicossocial devido à proximidade. E, sendo assim, o professor. É o profissional com

condições de acompanhar o passado e o presente dos alunos, bem como, suas relações com os outros professores em outras séries, cursos e anos. Este acompanhamento pode ser feito pelo professor, devido ele ter um preparo maior tanto profissional quanto pessoal, que o habilita para atuar especificamente junto aos alunos.

E para isto o professor deve ser consciente das seguintes habilidades:

- Flexibilidade, que é a capacidade de adequar uma situação à outra, de acordo como contexto sócio-político-econômico e cultural;
- Diagnóstico, que é a capacidade de identificar e analisar as características gerais e específicas da situação;
- Escolha de estilos de liderança, que é a capacidade de escolher o estilo de liderança mais adequado.

Cientes dessas habilidades e de todos os aspectos apresentados nesse trabalho para que se obtenha um ambiente fértil a fim de implantar-se uma gestão da sala de aula de qualidade, professor e alunos devem visar a implantação de um projeto coletivo e compartilhado na escola.

7 CONCLUSÃO

A educação na contemporaneidade deve primar pela busca de uma relação professor/aluno baseada no diálogo.

As características apontadas por Doyle refletem-se no contexto da sala de aula, influenciando os comportamentos, quer dos professores, quer dos próprios alunos. Neste contexto sobressaem ainda a organização do espaço físico e a forma de supervisão (individual ou grupal). O rendimento dos alunos pode ser afetado pela proximidade ou distanciamento do professor, gerando-se, com o aumento espacial entre eles, um decréscimo de rendimento nas atividades e um crescendo de comportamentos disruptivos.

Outro fator que influencia o comportamento dos alunos é a existência das regras. Na verdade, da sua compreensão e legitimidade decorre, em grande parte, a sua aceitação, permitindo assim que elas desempenhem um papel de regulador funcional. De fato, ao estabelecerem as condições para a instrução, ou ao restabelecê-las, quando são quebradas, regulam as condições de harmonização do sistema normativo com o sistema produtivo na sala de aula (Estrela, 1992:52).

Quando existe harmonia entre os dois sistemas, um acaba por reforçar o outro. Esta harmonia acaba por ser desrespeitada, quando as regras subjacentes a cada formato de atividades ou não são devidamente definidas, ou não consideram os contextos em que se vai desenrolar a atividade. Geram-se assim comportamentos desviantes, desrespeitantes da ordem, cujo grau depende também da força do vetor primário e do tempo de intervenção que ocorre antes do vetor secundário ter ganhado força.

O papel do professor nesta concepção de educação que busca trabalhar a dialeticidade em sala de aula é de suma importância para que se trilhe novos caminhos educacionais capazes de melhorar as relações em sala de aula.

Ao professor eficaz cabe criar a ordem, estabelecendo atividades, antecipando os maus comportamentos e cerceando-os, quando surgem (Doyle, 1986:421). Compete-lhe criar ambientes produtivos, na conscientização de que a ordem, mais do que imposta, tem de ser vivida, construída, no microsistema da sala de aula.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ARENDS, I. Richard. Aprender a Ensinar. Portugal: McGraw-Hill, 1995.

CAMBI, Franco. Características da Educação Contemporânea. In: História da Pedagogia, UNESP, 1999. P. 377 - 405.

DOYLE, W. (1986). Classroom Organization and Management. In Witrock, M. (ed.). Handbook of Research of Teaching. New York: Mc Millan, 1986.

ESTRELA, Maria Teresa. *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto: Porto Editora, 1992.

FALCÃO FILHO, José Leão. A busca da qualidade na escola. In: *Vida na escola. Educação comunitária*. REVISTA CNEC. N. 2, Brasília, abr. /mai./jun. 1995.

_____. *Gestão compartilhada*. In: *Revista Brasileira de Administração da Educação*. ANPAE. Brasília, V. 8, n. 2, jul. /dez. 1992, p. 9-33.

MELLO, Guiomar Namó de. *Cidadania e competitividade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 204 p. 1994.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 6. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2.002.

MOSCOVICI, Felá. *Desenvolvimento Interpessoal*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1995. p. 125-144.

PORTUGAL, Gabriela. (1992). *Ecologia e Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner*. Aveiro: Cidine, 1992.

Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. *Educação: um tesouro a descobrir* (Jacques Delors – org.) 5. ed. São Paulo: Cortez, 2.001.